

Histórias na rua

Cia. Supersônica leva para as ruas a peça **Me escuta**, montada a partir de histórias colhidas em praças, feiras e escolas

Nahima Maciel

O ator Cristian Lampert, da Cia. Supersônica, tinha dois desejos quando começou a imaginar a peça *Me escuta — Histórias do cotidiano da vida verdadeira*: primeiro, queria fazer um espetáculo ao ar livre e, segundo, queria ver a própria plateia escolher as cenas. Convidada para dirigir a produção, a diretora Miriam Virna acrescentou um terceiro desejo: trabalhar a partir de depoimentos reais. É sobre esse tripé que está estruturada *Me escuta*, em cartaz amanhã e domingo na Torre de TV, no Eixão do Lazer, na altura da 207 Norte, e na Praça Central da SQN 410 Norte.

Montada na rua, *Me escuta* precisa da participação ativa da plateia, que é convidada a escolher as cenas a partir de um cardápio escrito em um cavalete e impresso em papel distribuído para o público. As histórias foram coletadas pelos quatro atores e pela diretora em locais públicos, como a Feira do Guará e a Praça do Relógio, e em escolas do DF. A companhia oferecia



DIVULGAÇÃO

SERVIÇO

Me Escuta - Histórias do Cotidiano da Vida Verdadeira

Com a Cia. Supersônica.
Direção: Miriam Virna. Amanhã, às 11h e às 15h, na Torre de TV, e domingo, às 11h, no Eixão do Lazer (altura 207 Norte) e às 17h, na Praça Central da SQN 410. Entrada gratuita mediante retirada de ingressos no Sympla. Não recomendado para menores de 14 anos

R\$1 em troca das histórias. “A gente tinha algumas perguntas para iniciar uma provocação, uma memória. Muitas pessoas tentavam responder às

Cena da peça Me escuta: narrativas do cotidiano

perguntas e, às vezes, aquela pergunta servia de pretexto para elas abrirem uma história”, conta Miriam Virna. “E temos histórias das mais variadas. De experiências muito profundas de superação, outras mais leves, divertidas. Outras que parecem mais corriqueiras, cotidianas, mas que escondem um drama forte, pessoal, emocional. E de adolescente, de velho, de adulto. A gente tem um leque de cores variadas.”

Toda a dramaturgia foi pensada para ser encenada na rua, em um formato bem

popular. As narrativas foram transformadas em monólogos, que os quatro atores apresentam conforme a escolha do público. “Cada história é uma cena e o ator vai recontar, vestir o sapato do personagem e contar. Algumas têm participação de outro ator, ou um pequeno diálogo, ou uma interação com a plateia. Mas, essencialmente, são pequenos monólogos em formato de contação de história, de depoimento”, avisa Miriam, que chama o processo de “roda de compartilhamento”. “Porque a roda é um convite para olhar no olho.”